

Apresentação

“É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe.” Esta a opinião de Machado de Assis, no ano de 1873, quando publicou o seu célebre ensaio, “Instinto de nacionalidade”. Nosso ponto de vista, já no século XXI, abrange o nacionalismo literário que permeou a formação de nossa literatura, em suas variantes do nativismo e do indianismo, desde suas primeiras manifestações, como ornamento e germen do sentimento antimetropolitano em nossa literatura colonial, até o indigenismo literário, amparado na pesquisa antropológica, praticado a partir do Modernismo – passando, é claro, pelo Romantismo, que intentou transformar os temas brasileiros na própria essência de nossa literatura.

Dessa maneira, podemos relativizar a opinião de Machado de Assis lançando mão de nosso olhar anacrônico: concordemos ou não com o crítico, não há como negar que os temas indianistas e nativistas são parte fundamental do processo de formação da literatura brasileira. A sua inevitabilidade se comprova com um rápido exame dos textos que compõem este novo número de *O Eixo e a Roda*, que ora apresentamos: número temático, todos os artigos versam sobre questões que dizem respeito ao tema proposto, contemplando autores, textos e/ou momentos de nossa literatura que manifestaram o desejo de falar das coisas do Brasil, seja em sua alegoria-mor, a figura do índio, seja contemplando a história, a natureza e os modos brasileiros – “matéria de poesia” ou não, é tema que merece a atenção dos artigos deste volume e dos eventuais leitores que convidamos a participar do debate.

José Américo Miranda
Andréa Sirihal Werkema